

A Política na Bancada: confrontação e tensionamentos nas sabatinas do JN nas eleições de 2018

*Politics in the Bench: confrontation
and tension in JN's sabbatines in the
2018 elections*

REVISTA
com **política**

revista compolítica

2020, vol. 10(3)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.3.330

 Open Access Journal

Carla Montuori Fernandes

Universidade Paulista (UNIP)

[Paulista University]

Luiz Ademir de Oliveira

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

[Federal University of Juiz de Fora]

Mayra Regina Coimbra

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

[Federal University of Juiz de Fora]

Vinícius Borges Gomes

Universidade Paulista (UNIP)

[Paulista University]

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional com os cinco principais candidatos nas eleições presidenciais de 2018. Diante da posição marcante do telejornal em cenários eleitorais, o artigo traz a hipótese de que o JN, ao se utilizar das premissas da legitimidade jornalística, transforma as sabatinas em espaços de debate e confronto argumentativo. Exibida no horário nobre, as sabatinas ganharam enorme visibilidade, diante do tempo de exposição dos candidatos, que em algumas circunstâncias superaram o espaço do presidenciável no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). Para compreender como o telejornal conduziu as sabatinas, será utilizada metodologia da análise de conteúdo (Bardin, 2011).

Palavras-Chave: Jornalismo Político, Eleições 2018, Jornal Nacional.

Abstract

This article aims to analyze the interviews conducted by the Jornal Nacional with the five main candidates in the 2018 presidential elections. Faced with the strong position of television news in electoral scenarios, the article brings the hypothesis that JN using the premises of journalistic legitimacy transforms the questions in spaces of debate and confrontation. In prime time, the questions gained enormous visibility, given the candidates exposure time, which in some circumstances surpassed the presidential space of the free television time for electoral advertising (HGPE). To understand how the television news conducted the questions will be used content analysis methodology (Bardin, 2011).

Keywords: Political Journalism, Elections 2018, Jornal Nacional.

A Política na Bancada: confrontação e tensionamentos nas sabatinas do JN nas eleições de 2018

Carla Montuori FERNANDES
Luiz Ademir de OLIVEIRA
Mayra Regina COIMBRA
Vinícius Borges GOMES

O Brasil passou pela oitava eleição presidencial direta desde a redemocratização. Foi também o primeiro pleito após o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), em 2016. Com 13 candidatos, a corrida ao Palácio do Planalto nas eleições de 2018 foi a mais disputada e pulverizada desde 1989, quando contou com 22 presidenciáveis. Marcado pela animosidade das campanhas e seus apoiadores, além de mudanças mais evidentes no cenário comunicacional, o pleito terminou com a eleição de Jair Bolsonaro (PSL), que derrotou Fernando Haddad (PT) no segundo turno.

O *Jornal Nacional*, da TV Globo, promoveu sabatinas com os presidenciáveis, de 27 a 30 de agosto de 2018, quando entrevistou, na bancada no telejornal, os então candidatos Ciro Gomes (PDT), Jair Bolsonaro (PSL), Geraldo Alckmin (PSDB) e Marina Silva (REDE). Excepcionalmente, no dia 14 de setembro, Haddad (PT) foi o entrevistado, uma vez que havia sido confirmado como candidato do Partido dos Trabalhadores após o indeferimento da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), preso em Curitiba e lançado primeiramente como postulante ao Planalto. O mínimo de tempo dedicado ao momento era de 25 de minutos, mas o tempo excedido na primeira sabatina foi acrescido nas demais, o que totalizou 27 minutos para cada candidato. Exibidas no horário nobre, as entrevistas ocuparam significativa visibilidade na mídia televisiva, superando, inclusive, o tempo total usado por alguns dos candidatos durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE).

As cinco sabatinas¹ constituem um objeto de estudo do papel do jornalismo nas eleições de 2018 no Brasil. A relevância da discussão reside na já citada importância do pleito eleitoral, bem como no destaque que as entrevistas ganham a partir da diminuição da presença do HGPE e destinação de expressivo tempo para elas. Deve-se ressaltar que, desde 2015, o Horário Eleitoral foi reduzido de 45 para 35 dias, com uma duração que caiu de 25 minutos para apenas dez.

O artigo busca responder se e como o *Jornal Nacional* consolidou uma narrativa sob a perspectiva do jornalismo como quarto poder, utilizando o espaço das sabatinas como arena de debate e confrontação (Albuquerque, 2012; Almeida, 2011; Hallin & Mancini, 2004; Lima, 2006). O mesmo objeto – as sabatinas do *JN* em eleições presidenciais –, analisado em 2010 e 2014, segundo Albuquerque (2011) e Carvalho (2015), atestaram que as entrevistas se constituíram a partir do papel de coadjuvantes por parte dos candidatos em relação aos jornalistas. Perspectiva esta que reforça a concepção do jornalismo como *Fourth State*. Cumpre, portanto, verificar se essa ocorrência se repete no pleito de 2018, além de indicar quais as principais características e implicações para o momento histórico, em adição à relação entre o campo político e o campo midiático – este último compreendido como um ator político de forte expressão no cenário brasileiro.

O artigo se construirá sobre dois pilares teóricos. No primeiro, é discutida a relação simbiótica entre o campo da política e a instância comunicativa midiática (Bourdieu, 2011). A intenção é compreender como esses dois campos se relacionam entre si, quais as consequências dessa interação, como o poder perpassa esse jogo e como os atores envolvidos articulam entre si para a busca e manutenção dele. No segundo momento, discute-se o papel do jornalismo como “cão de guarda” (*watchdog*) e Quarto Poder (*Fourth Estate*) (Albuquerque, 2005; 2008), ao reivindicar o papel de representante dos interesses públicos. Como estratégia metodológica, é utilizada a análise de conteúdo, de Bardin (2011).

¹ O *Jornal Nacional* promoveu apenas sabatinas com os cinco primeiros candidatos que apareciam nas pesquisas de intenção de votos.

A relação simbiótica entre o campo da política e a instância comunicativa midiática

Para compreender a dimensão da relação que envolve o campo da mídia e o campo da política, é necessário entender o instrumento que rege todos os campos nos quais os indivíduos sociais estão inseridos: o poder. Para Bourdieu (2001), o poder é um instrumento simbólico e invisível, que rege todas as pessoas em sociedade. Esse poder simbólico funciona como agente de construção da realidade, que, por sua vez, tende a estabelecer uma ordem, ou seja, confere um sentido imediato do mundo.

O pensamento de Bourdieu (2001) auxilia a iniciar reflexões sobre a relação sujeito-sociedade. Para compreender a sociedade, o autor cria o conceito de campo, que, segundo ele, é um espaço estruturado, no qual os agentes interagem e competem por uma posição que os projetem como detentores de poder e lhes permitam exercê-lo. Cada espaço social corresponde, assim, a um campo específico – cultural, educacional, científico, econômico, jornalístico etc., no qual se travam lutas, a fim de determinar a posição social dos sujeitos, revelando, por exemplo, as figuras de autoridade detentoras de maior poder simbólico. Desse modo, é possível compreender os campos sociais não somente como campos de força, mas também como campos de lutas.

Parte-se, portanto, da ideia de entender a arena do *Jornal Nacional* como uma imbricação de dois campos distintos: o jornalístico e o midiático. Cada qual com suas especificidades chocam-se, assim, numa arena interacional que implica relações de poder entre os campos. Longe de simplificar esse entendimento como mero embate, é essencial elucidá-lo como comum em uma sociedade midiaticizada na qual a visibilidade representa poder. Sendo assim, o papel que a mídia busca atribuir-se encontra ecos em uma postura de fiscalização, como veremos adiante.

Para Araújo *et al.* (2009) a essência do campo é a luta, a transformação e os embates. Dentro do campo da política, e de qualquer campo social, existe ainda o que Bourdieu (1986) chama de capital simbólico, como sendo um aparato de prestígio ou de carisma que uma instituição ou indivíduo possuem dentro de determinado campo, que lhe permite se destacar diante dos outros que integram nesse mesmo espaço. Esse capital simbólico

pode assumir a forma de capital político, como aponta Miguel (2003) – a popularidade, a visibilidade, o reconhecimento e a capacidade influenciar disputas eleitorais e/ou por poder.

A relevância do campo midiático para os demais campos se dá por sua centralidade e papel de mediador da vida social, como afirma Rodrigues (2001), estendendo visibilidade a todos os outros campos sociais, incluindo a política. E mais do que dar visibilidade, ele contribui no processo de orientar a sociedade e dar sentido ao mundo por meio de sua prática. Torna-se, portanto, indispensável aos atores políticos a inserção e o diálogo com o campo comunicacional, que não só media, mas torna-se essencialmente imbricado ao jogo político. Lima (2006) enfatiza, ainda, que a mídia se torna um ator político ao impor boa parte da agenda pública – tema que se faz presente no objeto de investigação deste artigo.

O cenário das sabatinas do *JN*, além de refletir a imbricação e os conflitos inerentes aos campos sociais, também pode ser lido a partir das lógicas da espetacularização da política. Gomes (2004) aponta para o caráter teatral e dramático da política ao se adaptar à mídia e também destaca a profissionalização das campanhas, que trouxe aspectos muito comuns aos meios massivos e digitais, como a lógica do entretenimento, a criação de personagens e a surpresa.

Observa-se que, mesmo com a suposta ideia de levar a um aprofundamento do debate em tom argumentativo, o *Jornal Nacional*, ao promover a sabatina com os presidencialistas que estavam mais bem colocados nas pesquisas de opinião pública, busca passar uma imagem da mídia que se coloca como o poder de mediar a disputa eleitoral e, inclusive, de ser uma instância que atua em favor dos interesses do cidadão e do incremento da democracia ao cobrar posicionamentos dos candidatos sobre assuntos polêmicos. É comum, portanto, dado o fato de que, como afirma Bourdieu (2001), campos sociais distintos também possuem suas tensões e implicações. A própria natureza da sabatina mostra como o campo político é colocado em posição de xeque diante do poder midiático, que assume para si o papel de vocalizador dos interesses nacionais.

No entanto, pela própria lógica mercadológica que permeia a mídia (Habermas, 1984), essa suposta arena pública já é permeada por outros interesses. O próprio formato das entrevistas não permite que haja, de fato, um aprofundamento das temáticas e uma argumentação que seja mais esclarecedora para o público. Torna-se muito mais uma exposição teatral e espetacular, conforme aponta Gomes (2004). Os candidatos, no enquadramento personalista, atendem às lógicas da própria mídia e buscam comprometer-se com as performances em busca do sucesso eleitoral.

O papel dos jornalistas como agentes políticos

Tomando como base a discussão sobre mídia e campos sociais, Berger (1996) argumenta que há superioridade do campo jornalístico como instrumento de poder simbólico. O jornalismo, enquanto agente/instituição de comunicação, detém o capital simbólico pela sua característica de "fazer crer".

A nossa hipótese é que o Campo do Jornalismo detém, privilegiadamente, o Capital Simbólico, pois é da natureza do Jornalismo fazer crer. O Capital do Campo do Jornalismo é, justamente, a credibilidade. É ela quem está constantemente em disputa entre os jornais e entre estes e os demais campos sociais. (...) Credibilidade tem a ver com persuasão pois, no diálogo com o leitor, valem os "efeitos de verdade", que são cuidadosamente construídos para servirem de comprovação, através de argumentos de autoridade, testemunhas e provas (Berger, 1996, p. 5).

Para a autora, atualmente, o poder desse campo encontra-se na capacidade de mediar os acontecimentos e produzir sentido e significado para as organizações e os indivíduos na sociedade. Dessa forma, os jornalistas e as organizações jornalísticas colocam-se dentro de um espaço diferenciado na sociedade, um lugar que lhes é próprio. Ao se discutir a mídia e os personagens que a compõem, não se pode esquecer do lugar que eles ocupam como formadores de opinião e também como construtores de realidades. Sobre isso, Berger e Luckmann (1985) discutem como há uma construção social da realidade via linguagem. E, neste caso, conforme aponta Thompson (2013), a mídia torna-se fundamental ao intensificar a produção e circulação de novas formas simbólicas. Assim, o campo midiático atua como referencial de mundo ao criar uma lógica própria de

organização dos acontecimentos a fim de atender a uma demanda cognitiva do indivíduo em saber sobre o atual estado do mundo (Gomes, 2004; Rodrigues, 2001).

Tomando o pressuposto de que a imprensa atua na construção da realidade social, observa-se que a objetividade jornalística como um espelho do real vincula-se a rituais estratégicos para garantir a legitimidade da imprensa e evitar processos judiciais, conforme aponta Tuchman (1993). Em vez de um retrato fiel da realidade, há uma série de fatores que atuam na fabricação da notícia, tais como linha editorial, a dependência das fontes, os interesses mercadológicos, as rotinas de produção, a cultura profissional dos jornalistas, os critérios de noticiabilidade, entre outros.

Outro eixo de análise, que dialoga bem com a hipótese de que a mídia atua como um ator social e político, refere-se ao debate sobre as relações entre os sistemas de mídia e os sistemas políticos (Hallin & Mancini, 2004; Albuquerque, 2008, 2012; Azevedo, 2006). Neste embate, é em função da centralidade que a mídia ocupa que esta acaba por reivindicar para si a tarefa de ser não somente mediadora dos campos sociais como também de se configurar como uma representante legítima dos interesses dos cidadãos. Esse papel lhes garante inúmeros títulos, como: Quarto Poder (*Fourth Estate*), Cão de Guarda e Poder Moderador.

Os estudos de Albuquerque (2005, 2008, 2009) contribuem nesta discussão, visto que se concentram em compreender como funciona o modelo brasileiro de mídia no papel de Quarto Poder (*Fourth Estate*). Albuquerque (2005) argumenta que, com o fim do Regime Militar no Brasil, em 1985, a mídia passou a reivindicar o exercício de um papel político mais expressivo na vida política do país – o de mediadora da relação entre os três poderes. No entanto, o autor (2008) mantém o olhar para o mesmo objeto e faz novas reflexões, sob um prisma diferente. Ele explica que a mídia ocupa um lugar de Poder Moderador, dado o modo como os meios de comunicação se inserem na vida política do país.

Ao fazer essa afirmação, o autor estabelece uma comparação que tem por base os modelos de sistemas político-midiáticos propostos por Hallin e Mancini (2004), em seu livro *Comparing Media Systems*. Por isso, faz-se relevante discutir a relação que se efetiva entre os sistemas políticos e os sistemas de mídia. O estudo apresentado no livro abrange

os países da Europa Ocidental e da América do Norte (Estados Unidos e Canadá). Por meio de quatro variáveis – 1) o nível de desenvolvimento dos mercados de mídia; 2) o grau de paralelismo entre os sistemas políticos e midiáticos; 3) o nível de profissionalismo no campo jornalísticos; e 4) o nível de intervenção do Estado diante dos meios de comunicação – os autores identificam três modelos de sistemas midiáticos: o modelo Liberal, o modelo Democrático Corporativista e o modelo Pluralista Polarizado.

De um modo geral, Albuquerque (2008) explica que os modelos propostos pelos autores se mostram bastante sólidos e eficientes em sua tarefa de sintetizar as relações entre os meios de comunicação e as organizações políticas dos países analisados. No entanto, é preciso certa cautela para utilizar as generalizações de alguns conceitos propostos. É preciso verificar as especificidades de cada país, inclusive do Brasil. Ele aponta que Hallin e Papathanassopoulos (2002 *apud* Albuquerque, 2008) sugeriram que os sistemas midiáticos de três países da América Latina (Brasil, México e Colômbia) apresentavam muitos traços em comum com os quatro países da Europa Meridional (Itália, Grécia, Portugal e Espanha) que Hallin e Mancini caracterizaram como o modelo Pluralista Polarizado.

As características deste modelo se baseavam em: 1) baixos níveis de circulação de jornais; 2) tradição de reportagens em defesa de causas; 3) instrumentalização da mídia privada; 4) polarização da radiodifusão pública e da regulamentação da radiodifusão; 5) desenvolvimento limitado do jornalismo enquanto profissão. Para Albuquerque (2008), é preciso haver alguma cautela ao generalizar o conceito de Pluralismo Polarizado. Ainda que aponte ressalvas, Azevedo (2006, p. 92), por sua vez, argumenta que o Brasil pode ser enquadrado no modelo Pluralista-polarizado por trazer

[...] um passado autoritário (que obviamente implicou a ausência, por longos períodos, da liberdade de imprensa), democratização relativamente recente, uma dinâmica de embates partidários polarizados nos pleitos presidenciais entre as forças de esquerda (1989, 1994 e 1998) ou centro-esquerda e centro-direita (de 1989 a 2002), configurando um nítido pluralismo polarizado, ainda que nos últimos anos de forma moderada.

Albuquerque (2008) posiciona-se de forma crítica ao uso indiscriminado desse conceito, mas vê possibilidades também de aproximá-los à realidade brasileira, com ressalvas.

Conforme o autor aponta, as limitações deste modelo são inúmeras diante da tarefa de compreender o sistema midiático brasileiro, com características tão próprias. Para o autor, as especificidades do sistema político-midiático brasileiro não podem ser descritas corretamente tendo como base os três modelos apresentados por Hallin e Mancini, nem mesmo através de uma combinação entre eles. É através desta afirmação que ele propõe um esboço de um modelo comparativo, desta vez capaz de abranger o sistema midiático-político do Brasil.

O esboço proposto por Albuquerque se baseia em torno de duas variáveis: 1) refere-se ao grau de estruturação do sistema partidário, levando em conta o grau de influência que as clivagens partidárias desempenham junto ao governo; 2) refere-se ao grau de intervenção dos meios de comunicação nos assuntos políticos. Da combinação dessas variáveis, o autor apresenta quatro situações típicas que ele denomina de Pluralismo Polarizado, Corporativismo Democrático, Modelo Liberal e Poder Moderador.

O primeiro modelo proposto por Albuquerque (2008) é o de um sistema partidário fortemente estruturado, com clivagens muito bem definidas entre os partidos, e de uma mídia politicamente ativa a serviço dos partidos políticos, correspondendo ao modelo Pluralista Polarizado, conforme Hallin e Mancini. O segundo modelo é caracterizado por um sistema partidário fortemente estruturado e uma mídia politicamente passiva. Mas as clivagens não se traduzem em fortes polarizações, ou seja, as forças políticas rivais acabam desenvolvendo interesses em comum ou estabelecendo um acordo tácito. Por sua vez, os meios de comunicação acabam refletindo essa situação e apresentam vínculos políticos perceptíveis, o que remete ao modelo Corporativista Democrático proposto por Hallin e Mancini.

O terceiro modelo descrito por Albuquerque (2008) baseia-se em um sistema partidário fracamente estruturado, com clivagens pouco nítidas, e uma mídia politicamente passiva. O sistema presidencialista favorece em muito este modelo, visto que, para ampliar a base de eleitores em potencial, cria-se a formação de partidos *catch-all*, com baixa definição ideológica e maior competitividade. Do outro lado, os meios de comunicação também rejeitam ideologias explícitas e caracteriza-se pelo fundamento do seu papel informativo,

em detrimento do papel de interventor da realidade. Essas características referem-se ao modelo Liberal, proposto por Hallin e Mancini.

O quarto modelo apresentado por Albuquerque (2008) refere-se a um sistema partidário fracamente estruturado e uma mídia politicamente ativa. Este seria o modelo cujas características se assemelham ao sistema político-midiático brasileiro. Nesta classificação, o sistema partidário também é pouco estruturado, no entanto difere-se do modelo anterior pelo fato de ter como acréscimo uma desconfiança generalizada ao funcionamento adequado das instituições políticas e o sentimento de que é preciso agir ou pelo menos intervir para modificar ou corrigir o seu funcionamento.

De acordo com o autor, o fato dos partidos políticos não serem suficientemente enraizados na sociedade faz com que outros agentes passem a reivindicar este papel. É o espaço que ganha a mídia como um agente especializado em vigiar e corrigir as ações dos demais poderes, que, segundo Albuquerque (2008), é o que acontece no Brasil, quando a mesma se coloca de modo transcendental ao fazer político e assume narrativamente este papel. No esforço de compreender a aplicabilidade do termo Quarto Poder à realidade brasileira e de aperfeiçoar as pesquisas anteriores, Albuquerque (2009) afirma que o termo tem sido empregado de maneiras diferentes e com significados diversos. E se propõe a investigar as três definições de Quarto Poder: 1) o conceito de *Fourth Estate*, segundo a tradição liberal britânica; 2) o conceito de *Fourth Branch*, segundo o modelo americano de divisão de poderes; 3) a concepção de uma imprensa nos moldes de um Poder Moderador, bastante presente no modo como o conceito vigorou no Brasil.

Segundo Albuquerque (2009), o modelo de *Fourth Estate* visualiza a imprensa como um Contra-Poder. Mais do que discutir a divisão dos poderes no âmbito do governo, esse modelo compreende a imprensa como um cão de guarda (*watchdog*), que age em defesa dos interesses dos cidadãos e tem como objetivo promover um controle extremo das atividades do governo em nome dos interesses da população.

É a partir desses conceitos que este estudo introduz um olhar crítico ao papel da mídia em um contexto eleitoral, mas que requer, ainda, um estudo específico para o objeto. Albuquerque (2012) argumenta ainda que, apesar de o Brasil sempre contar com um alto

grau de paralelismo político e uma estreita vinculação entre os campos da mídia e da política, desde a consolidação do jornalismo nos moldes empresariais, os veículos noticiosos do país têm procurado incorporar o discurso da objetividade jornalística. Como ressalta o autor (2012), em alguns casos, como no telejornalismo brasileiro, a adoção do modelo informacional e predominantemente sob a suposta objetividade, em detrimento dos conteúdos abertamente interpretativos e opinativos, tem sido justamente uma forma de camuflar o posicionamento histórico dos conglomerados de mídia que interferem, constantemente, na formação da opinião pública e nas decisões políticas, em especial nos períodos de instabilidade.

Lima (2006) destaca alguns episódios relevantes da atuação midiática no contexto político, como a preferência das Organizações Globo pelo candidato Fernando Collor de Mello (PRN), manifesta na reedição do último debate entre os então candidatos Lula e Collor no segundo turno das eleições presidenciais de 1989 e no apoio à eleição e à reeleição de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), em 1994 e 1998, respectivamente. A eleição presidencial de 2002 marcou uma importante mudança política no Brasil e foi um momento político em que a grande imprensa, incluindo o Globo, procurou ter uma postura mais equilibrada e menos tendenciosa (Feres Jr. e Sassara, 2016). Mas os autores ressaltam que já nas disputas de 2006, 2010 e 2014 a grande imprensa voltou a ter um posicionamento bem crítico em relação ao PT, assim como ocorreu na cobertura do *impeachment* da então presidente Dilma.

Recorrendo à literatura sobre a cobertura da imprensa nos períodos eleitorais, Feres Jr. e Sassara (2016) analisam o tratamento da mídia aos candidatos, traçando um comparativo da eleição de 2014, quando Dilma (PT) foi reeleita, e 1998, quando Fernando Henrique Cardoso (PSDB), também se reelegeu. Tomam como objeto para 2014 dois veículos do grupo O Globo – o *Jornal Nacional* e o jornal impresso *O Globo*. No caso de 1998, focam apenas no jornal *O Globo*. Partindo da hipótese de que a cobertura feita pelo grupo Globo tenha priorizado o noticiário negativo sobre a candidatura do PT, a pesquisa de Feres Jr. e Sassara chega a resultados que comprovam tal afirmativa.

Feres Jr. e Sassara (2016) concluíram que as estratégias do *Jornal Nacional* e do jornal *O Globo* são diferenciadas: o *JN* tende a buscar uma postura mais equilibrada e menos

tendenciosa, ao contrário do jornal impresso que assume posicionamentos mais claros. Conforme dados da pesquisa, na eleição de 2014, dos três principais candidatos – Dilma (PT), Aécio (PSDB) e Marina (na época, PSB) –, a candidata socialista não recebeu nenhuma menção negativa, enquanto o tucano teve quatro menções negativas. Já a petista recebeu 21 menções negativas. Tais números mostram esta tendência crítica ao PT, quando se trata de menções aos partidos.

Fazendo um paralelo com a eleição de 1998, quando Fernando Henrique Cardoso foi candidato à reeleição, confirma-se a hipótese de que, se há um tratamento negativo ao PT e a seus candidatos, já que em relação a candidatos tucanos, por exemplo, houve silenciamento. A cobertura antipetista tem sido objeto de estudos, principalmente a partir do *impeachment* da presidente Dilma e da eleição de Bolsonaro. Alves dos Santos (2019) afirma que o antipetismo é elemento relevante para se entender a crise política brasileira. Segundo o autor, o PT pode ser considerado a espinha dorsal da identificação partidária brasileira, gerando polarização dos que apoiam e dos que repudiam.

Alves dos Santos (2019) explica que há uma série de estudos sobre a tendência crítica da mídia em relação ao PT. Além da pesquisa de Feres Jr. e Sassara (2016), Azevedo (2018) analisa os editoriais da imprensa tradicional no período de 1989 a 2014, comprovando o viés negativo contra o PT, que ocorre, principalmente, depois da vitória de Lula em 2002, crescendo a partir de 2006, com o escândalo do Mensalão, e culminando no processo de *impeachment* de Dilma (Alves dos Santos, 2019).

Ratificando os argumentos de Albuquerque da inserção da mídia como poder moderador, pode-se evidenciar que não é somente no posicionamento antipetista. Para Fernandes *et al.* (2018), o *Jornal Nacional*, no caso do escândalo dos áudios vazados com denúncias contra Michel Temer no dia 17 de maio de 2017 por um dos proprietários da JB&S, Joesley Batista, privilegiou uma narrativa que colocou o escândalo em evidência, sobretudo pela reprodução sistemática das gravações durante o período de análise.

Vale lembrar que o cenário de 2018 representa uma grande desconfiança nas instituições políticas, o que, segundo os estudos apresentados, favorece a narrativa de poder da mídia e do campo midiático como o Poder Moderador. O já frágil sistema partidário do Brasil

encontrou-se, naquele momento, ainda mais questionado, num cenário que trouxe à bancada um candidato com discurso antissistema em primeiro lugar nas pesquisas, resultando numa conjuntura que teve, no Partido dos Trabalhadores, um personagem expressivo para questionar o sistema político através do sentimento negativo com relação ao maior partido político do Brasil.

Análise de Conteúdo: sabatinas do JN nas eleições de 2018

Para responder à questão central deste trabalho, ou seja, se as sabatinas do *Jornal Nacional* constituíram uma narrativa e uma prática jornalística de sedimentação da mídia como quarto poder, opta-se pela aplicação da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Com as ferramentas oferecidas por esse método, foi extraído, por meio de blocos de assuntos, cada roteiro aplicado nas entrevistas, permitindo compará-las e extrair inferências sobre como as mesmas se desenvolveram.

Para elucidar a análise, identificaram-se as perguntas centrais da sabatina, das quais se desenrolaram outras réplicas ao longo do mesmo tema. Deste modo, foi possível analisar cada bloco temático, ou seja, cada parte da entrevista que se manteve sob o mesmo assunto, portanto, favorecendo a categorização. Essa estratégia analítica foi aplicada em virtude da natureza do objeto. Por ser uma entrevista longa e de constante confronto e interrupções, não cabe uma análise isolada de cada pergunta, o que deixaria a análise fragmentada.

Segundo Bardin (2011), para coerente aplicação da metodologia, a investigação deve seguir as três etapas durante a análise das informações e mensagens estipuladas, sendo elas: a pré-análise – baseada na observação de cada uma das entrevistas; a exploração do material – constituída pela decupagem das sabatinas, quantificação do tempo, divisão dos blocos temáticos e sistematização dos mesmos; e o tratamento e interpretação dos resultados – organização das tabelas de análise com a categorização da mesma e as inferências adquiridas a partir dos resultados.

Após a identificação dos blocos temáticos e extração do roteiro de cada sabatina, foram identificadas cinco categorias de análise que motivaram as questões feitas:

- A. Plano de Governo/Visão Social: são os questionamentos que reverberam na discussão de um tema político que pode estar relacionado aos planos do candidato ou a sua visão ideológica sobre a temática, constituindo o debate iniciado pela pergunta num diálogo sobre temas de interesse social;
- B. Corrupção: questões voltadas a confrontar o candidato com casos de corrupção que possam envolver o próprio entrevistado, seu partido ou aliados. Aqui também são tratados os chamados escândalos políticos;
- C. Atribuições Pessoais: abordagem sobre atribuições de personalidade e atuação que possam incidir na dinâmica do fazer político;
- D. Vida política pregressa: referência central à atuação do candidato em cargos ocupados anteriormente;
- E. Alianças Políticas: questões sobre alianças e acordos políticos para a candidatura e possível governo.

Contextualização das Sabatinas

Desde 2002, o *Jornal Nacional* realiza as entrevistas com os candidatos que disputam as eleições presidenciais. A seleção leva em consideração as posições que os políticos ocupam nas pesquisas de intenção de votos. Para efeito do artigo, serão rememoradas as sabatinas de 2010 e 2014, com o intuito de indicar se ocorreram rupturas com o formato exibido nas eleições de 2018.

Nas eleições presidenciais de 2010, o *JN* realizou as sabatinas com duração de aproximadamente 12 minutos, com os três candidatos melhor colocados na pesquisa de opinião pública – Dilma (PT), Marina (PV) e Serra (PSDB). Os jornalistas responsáveis foram William Bonner e Fátima Bernardes. Já nas eleições presidenciais de 2014, as sabatinas ocorreram no tempo de 15 minutos e contaram com cinco candidatos, aqueles

que tiveram acima de 1% dos votos – Aécio (PSDB), Eduardo Campos (PSB), Pastor Everaldo (PSC), Dilma (PT) e Marina (PSB). Os entrevistadores foram William Bonner e Patrícia Poeta (Albuquerque, 2011; Carvalho, 2015).

As sabatinas do *Jornal Nacional* de 2018 foram exibidas ainda no início do primeiro turno das eleições, de 27 a 30 de agosto. A exceção foi a entrevista de Haddad, confirmado tardiamente como candidato e entrevistado em 14 de setembro². Foram convidados os candidatos mais bem colocados na última pesquisa Datafolha de então: Bolsonaro (PSL), Alckmin (PSDB), Ciro (PDT), Marina (REDE), Haddad (PT). O ex-presidente Lula liderava as intenções, mas a bancada ressaltou que ele não seria entrevistado uma vez que cumpria pena em Curitiba, o que impediria sua presença. A abertura das sabatinas ressaltou que o objetivo era tratar dos pontos que mais marcavam cada candidatura, questionar assuntos polêmicos e tratar da viabilidade de alguns pontos dos planos de governo.

A repercussão das mesmas foi de grande impacto porque ajudaram a dar o tom das eleições em uma série de assuntos abordados. As entrevistas tiveram duração de 27 minutos, além de um minuto para considerações finais onde cada candidato respondia à pergunta: “Que Brasil você quer para o futuro?”³. Esse tempo foi destoante das eleições de 2010 e 2014, que eram de 12 e 15 minutos, respectivamente. O grande tempo destinado a essas entrevistas merece destaque, uma vez que totalizou mais tempo do que muitos candidatos tiveram em suas próprias propagandas na TV. Um exemplo de como o tempo de exposição na grande mídia ganhou destaque é observarmos o tempo destinado aos candidatos Bolsonaro (PSL), Marina (REDE) e Ciro (PDT) no HGPE. Os candidatos tiveram 8, 21 e 38 segundos, respectivamente, em cada bloco. Ainda que fossem dois blocos diários por três vezes na semana, esses candidatos não tiveram o mesmo tempo de exposição no primeiro turno do que tiveram somente nas sabatinas.

² O PT confirmou o nome de Fernando Haddad, então candidato a vice, como o candidato do partido à presidência no dia 11 de setembro de 2018. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) rejeitou, no dia 31 de agosto, o registro de candidatura do ex-presidente Lula que foi enquadrado na Lei da Ficha Limpa.

³ Vale ressaltar que, como o foco foi a dinâmica da sabatina, optou-se por desconsiderar esse apêndice da entrevista, onde cada candidato fez o uso do modo como achou adequado.

Análise das sabatinas no Jornal Nacional: linhas gerais e temáticas

Ciro Gomes

O candidato **Ciro Gomes** (PDT) foi o primeiro entrevistado, no dia 27 de agosto, sendo confrontado com vários temas relacionados a seu histórico político, conforme o Quadro 1.

*Quadro 1 – Principais temas da entrevista do candidato **Ciro** no Jornal Nacional*

Sabatina Ciro Gomes			
Bloco	Tema Abordado	Categoria	Tempo
1	Críticas à Lava Jato e ao Ministério Público	Corrupção	04'23''
2	Denúncias envolvendo Carlos Luppi	Corrupção	03'46''
3	Contradição entre ciência de corrupção nos governos petistas e não denúncia / Relação com Lula e PT	Corrupção	03'24''
4	Endividamento da população e proposta de retirar brasileiros da inadimplência	Plano de Governo / Visão Social	05'02''
5	Condução da política de segurança pública no Ceará	Vida Política Pgressa	02'56''
6	Aliança com a vice Kátia Abreu	Alianças Políticas	04'53''
7	Governabilidade	Alianças Políticas	02'36''

Fonte: Elaboração própria.

A corrupção foi a categoria dos três primeiros blocos de questionamento dirigidos ao então candidato. Num primeiro momento, **Ciro** foi confrontado com declarações em que criticou a Operação Lava-Jato e o Ministério Público. Depois, as denúncias de corrupção envolvendo o presidente de seu partido, Carlos Luppi (PDT), foram citadas ao questioná-lo sobre sua confiança no político. Por fim, outro tema que envolve a corrupção: a relação de **Ciro** com o PT e o ex-presidente Lula.

Dois temas políticos de interesse público foram abordados: o endividamento da população brasileira e a segurança pública. No entanto, a construção das questões foi direcionada ao confronto. Sobre a dívida, a bancada questionou a viabilidade de se implementar a proposta citada pelo candidato de ajudar brasileiros inadimplentes a terem seus nomes retirados dos bloqueios de crédito. A segurança pública do Ceará, estado que Ciro já governou, foi citada como um caso negativo de piora, o que ajudou a apontar problemas em sua *Vida Política Pgressa*. As alianças também foram tema da sabatina, sobretudo a falta de maior apoio político, como foi o caso da constituição de chapa única, tendo Kátia Abreu como vice, e o questionamento sobre um possível futuro governo na relação com o congresso e os partidos.

Sendo a primeira entrevista, o tom acabou dando início a um padrão que seria repetido nas demais. Embora não tenha havido um roteiro similar e espelhado para todos os candidatos, a postura da bancada foi semelhante e muito do que se deu também foi inserido pelo desempenho do candidato. Ciro, por exemplo, aproveitou os questionamentos sobre seu plano para detalhar algumas propostas, o que fez dele o candidato que mais acionou falas propositivas entre aqueles que participaram das sabatinas.

Jair Bolsonaro

O então candidato Jair Bolsonaro (PSL) foi o segundo entrevistado, no dia 28 de agosto. Foram identificados sete blocos temáticos em sua sabatina, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Principais temas da entrevista do candidato Bolsonaro no Jornal Nacional

Sabatina Jair Bolsonaro			
Bloco	Tema Abordado	Categoria	Tempo
1	Críticas do candidato à chamada “velha política”	Vida Política Pgressa	04’26”
2	Relação com Paulo Guedes	Alianças Políticas	04’12”

3	Igualdade salarial entre gêneros	Plano de Governo / Visão Social	03'49''
4	Leis Trabalhistas	Plano de Governo / Visão Social	04'43''
5	Homofobia	Atribuições Pessoais	04'08''
6	Modus Operandi das forças de segurança	Plano de Governo / Visão Social	03'27''
7	Alianças políticas com militares e declarações do candidato à vice, General Mourão	Alianças Políticas	02'57''

Fonte: Elaboração própria.

Declarações consideradas polêmicas do candidato motivaram a maioria das questões, que acabaram trazendo à tona temas políticos que pediram posicionamento do entrevistado. Foi o caso da categoria predominante nessa sabatina: *Plano de Governo/Visão Social*. Ela permeou perguntas sobre igualdade salarial de gênero, leis trabalhistas e o modo de agir das forças de segurança pública. Com relação à categoria atribuições pessoais, Bolsonaro foi inquirido a responder sobre homofobia – a diferença, neste caso, é que o questionamento foi voltado à sua personalidade, onde foi interrogado sobre ser ou não homofóbico com base em declarações anteriores.

A *Vida Política Pgressa* foi abordada logo no início da sabatina, quando o candidato foi perguntado sobre sua atuação de quase 30 anos na política e confrontado com suas críticas ao que chama de velha política. As *Alianças Políticas* motivaram dois blocos temáticos, em que Bolsonaro foi perguntado sobre a relação com o indicado a ministro da economia, Paulo Guedes, e seu candidato a vice, General Hamilton Mourão (PRTB).

A postura de Bolsonaro foi reativa. O então candidato foi o que mais atacou terceiros ou os próprios entrevistadores, ajudando a dar o tom de debate e fomentando momentos em que a própria jornalista Renata Vasconcellos deu declaração pessoal para respondê-lo⁴. A atuação de Bolsonaro mostra como os atores políticos se preparam para atuarem na arena

⁵ Bolsonaro, ao ser indagado sobre igualdade salarial de homens e mulheres, citou os jornalistas da Globo e sugeriu que Renata Vasconcellos ganhava menos do que Bonner, editor chefe do *Jornal Nacional*. A jornalista o respondeu de modo pessoal e afirmou que seu salário não era tema de domínio público e que ela jamais aceitaria receber menos que um colega que desempenhasse a mesma função.

mediática. Além das estratégias de desempenho na TV, como a confrontação, o candidato coloca-se como um crítico à própria grande mídia, convidando os próprios eleitores a verem outras versões sobre os assuntos em suas redes sociais. É notório o fato do mesmo ter feito uma transmissão ao vivo em seu *Facebook* para apresentar um livro que Bonner se recusou a mostrar, devido às regras da sabatina. O encarte foi denunciado pelo então candidato como algo inapropriado para crianças e que estaria sendo distribuído nas escolas brasileiras.

Geraldo Alckmin

Geraldo Alckmin (PSDB) foi o terceiro entrevistado, no dia 29 de agosto. Ele respondeu à sete blocos temáticos, conforme o Quadro3.

Quadro 3 – Principais temas da entrevista do candidato Alckmin no Jornal Nacional

Sabatina Geraldo Alckmin			
Bloco	Tema Abordado	Categoria	Tempo
1	Alianças com “centrão”	Alianças Políticas	09’49’’
2	Corrupção nas obras do Rodoanel	Corrupção	06’25’’
3	Política de segurança em SP – expansão do PCC	Vida Política Pgressa	05’08’’
4	Obras de mobilidade não entregues no governo paulista	Vida Política Pgressa	02’04’’
5	Déficit Habitacional em SP	Vida Política Pgressa	02’27’’
6	Modelo de OSs na Saúde Pública	Plano de Governo / Visão Social	02’05’’

Fonte: Elaboração própria.

O desempenho do tucano à frente do Governo do Estado de São Paulo deu a tônica de grande parte da entrevista. Deste modo, embora as perguntas abordassem diversos temas políticos de interesse, o foco se deu no questionamento de números negativos do governo

e no desempenho do político como governante. Por isso, predominou a categoria *Vida Política Pgressa*, presente em três dos seis blocos temáticos.

A *Corrupção* também foi tema de questionamento envolvendo a atuação do ex-governador, especialmente nas obras do Rodoanel. As *Alianças Políticas* se referiram ao questionamento sobre o acordo de Alckmin com os partidos do Centrão⁵. Somente no questionamento sobre os modelos de Organizações Sociais na Saúde (OSs) é que houve espaço para o candidato divagar mais sobre um tema específico de interesse social sem ter a atuação no governo como principal direcionamento, ainda que também tenha sido motivadora da questão.

Assim como Ciro Gomes, Alckmin encontrou espaço para detalhar propostas de seu plano de governo. Foi também o candidato que mais fez uso da defesa de seu histórico de atuação política, não apenas em virtude das perguntas, mas também de sua preparação para a entrevista e estratégia de usar sua experiência no governo como principal mote da candidatura.

Marina Silva

Marina Silva (REDE) foi a quarta entrevista, no dia 30 de agosto, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Principais temas da entrevista da candidata Marina no Jornal Nacional

Sabatina Marina Silva			
Bloco	Tema Abordado	Categoria	Tempo
1	Articulação da Rede Sustentabilidade	Vida Política Pgressa	06'07''
2	Falta de firmeza em posicionamentos	Atribuições Pessoais	05'16''
3	Apoio a Aécio Neves em 2014	Corrupção	01'35''
4	Investigações com relação à campanha de Eduardo Campos	Corrupção	02'28''

⁶ O Centrão é uma associação de partidos que buscam se identificar como centro político, não aderindo à rotulagem de esquerda ou direita, mas que, na prática, atuam sob interesses próprios, considerados por muitos como fisiologistas.

5	Coligações estaduais da Rede	Alianças Políticas	05'54''
6	Coligação com o PV	Alianças Políticas	02'15''
7	Relação com a bancada ruralista	Plano de Governo / Visão Social	04'19''

Fonte: Elaboração própria

A candidata foi confrontada com relação a vários temas de seu passado político. Para isso, foi inquirida a respeito da articulação do partido que fundou, a Rede Sustentabilidade, além de ser questionada sobre uma possível falta de firmeza em posicionamentos, categorizado aqui como *Atribuições Pessoais*.

A *Corrupção* deu o tom de dois questionamentos, sendo um sobre o apoio a Aécio Neves (PSDB) nas eleições presidenciais de 2014 e outro sobre investigações na campanha de Eduardo Campos (PSB), da qual ela foi candidata à vice, também em 2014. A coligação com o Partido Verde (PV), pelo qual Marina foi candidata a presidente em 2010, também foi questionada, assim como a relação com a bancada ruralista, já que a candidata tem um discurso ambientalista que entra em confronto com o pensamento dessa casta política de forte representação parlamentar.

Marina conseguiu atrair a si o maior tempo de fala dentre os candidatos, embora tenha focado em esclarecer cada questionamento sem muito espaço para adentrar em proposições. Ela buscou dissociar a imagem de candidata frágil e se impôs com falas mais duras e objetivas sobre seu fazer, tendo inclusive atacado terceiros, como o PT e o próprio Aécio Neves, outrora aliado.

Fernando Haddad

O candidato petista só foi entrevistado no dia 14 de setembro, conforme o Quadro 5. Ele foi confirmado como candidato oficial após a definição da Justiça Eleitoral com relação ao impedimento da participação de Lula nas eleições.

Quadro 5 – Principais temas da entrevista de Haddad no Jornal Nacional

Sabatina Fernando Haddad			
Bloco	Tema Abordado	Categoria	Tempo
1	Escândalos dos governos petistas	Corrupção	10'26''
2	Críticas ao sistema judiciário	Corrupção	02'40''
3	Citação de Haddad em delações premiadas	Corrupção	05'54''
4	Derrota na tentativa de reeleição para a prefeitura de São Paulo	Vida Política Pgressa	03'43''
5	Gestão Haddad na prefeitura	Vida Política Pgressa	02'52''
6	Crise no governo Dilma	Vida Política Pgressa	04'33''

Fonte: Elaboração própria

Somente duas categorias foram acionadas na sabatina de Haddad. A *Corrupção* envolveu o debate sobre escândalos dos governos petistas, as críticas do partido à atuação do sistema judiciário e às delações envolvendo o próprio candidato. A *Vida Política Pgressa* deu o tom de três assuntos abordados: sua derrota na tentativa de reeleição para a prefeitura de São Paulo em 2016; a gestão do candidato no cargo de prefeito; e a crise deixada pelo Governo Dilma, associada à Haddad enquanto membro do partido e também membro do governo.

Há dois tratamentos marcantes na sabatina: o PT enquanto protagonista de escândalos e as ações de Haddad enquanto prefeito rejeitado nas urnas. O candidato, que associa sua imagem à de Lula, defende o legado de seu partido, sobretudo no combate à corrupção, onde tenta estabelecer que a legenda foi a protagonista no fortalecimento das instituições.

Análise comparativa e qualitativa das sabatinas no Jornal Nacional

Considerando as cinco sabatinas realizadas sob uma perspectiva geral, percebemos que não houve esforço dos entrevistadores no sentido de formatar as entrevistas dentro de um mesmo padrão, diferentemente do que ocorreu nas sabatinas de 2010 e 2014, nas quais

privilegiaram a formatação seguindo um mesmo roteiro, ou seja, as entrevistas dos candidatos se estruturaram em torno dos mesmos temas. Nas sabatinas de 2018, ainda que se elucide no início que o tempo destinado à entrevista de cada candidato é o mesmo, a utilização deste tempo não segue padrões semelhantes. Mesmo tendo sido possível elencar categorias de análise em comum, o modo como esses temas foram articulados e a presença ou não deles alteraram o teor das entrevistas. Ainda que o jornal tenha mantido o número de seis ou sete blocos temáticos não houve padronização no agendamento das questões dirigidas a cada candidato. O jornal, portanto, posiciona-se de modo mais incisivo e interpretativo, aliando o discurso da isenção a uma prática de confronto a todos os candidatos entrevistados, dando destaque para assuntos controversos.

Para Albuquerque (2011), é conhecido o papel de que a mídia brasileira reivindica um lugar transcendental, ou seja, funciona como uma espécie de árbitro das disputas que se estabelecem entre as instituições e os agentes políticos. Considerando o momento político que a eleição de 2018 ocorreu, em que se observou um notório descrédito das instituições, inclusive a instituição política e de uma descrença na representação política, havia um sentimento geral e latente de nacionalismo, afoito pelo fim da corrupção, sempre colocada como elemento destruidor do nosso país, muito também pelo reforço dado ao tema nos noticiários (Pinheiro, 2019).

Isso fez com que o tema Corrupção fosse o mais acionado, dominando as sabatinas de Ciro e Haddad. Porém, ela não apareceu na sabatina de Bolsonaro que, sob outros pontos apontados, valeu-se de apropriar-se do distanciamento do cenário construído pela mídia como o da política tradicional: fortemente associada a escândalos de corrupção e formada de decadentes partidos. Bolsonaro, embora tivesse longa carreira política, inclusive dentro de partidos tradicionais do cenário político, acaba se candidatando por uma legenda irrelevante até então. Distancia-se do cenário constituído pelo universo simbólico midiático e acaba valendo-se das controvérsias apontadas a ele como um diferencial em relação aos demais concorrentes.

Ao sabatar os candidatos e utilizar o tema da corrupção como balizador para o desenvolvimento da entrevista, o jornal assumiu para si a posição de externar um dos desejos latentes da população – o fim da corrupção, e em contrapartida, reivindicar para

si a autoridade de poder falar e confrontar os políticos em torno de algo que é caro para a população e que estava o tempo todo em jogo no cenário político de 2018. É o poder do agendamento que ela detém e que não se encerra nas sabatinas, mas vem de uma atuação notadamente presente desde os fatos políticos históricos a partir de 2013, com as manifestações de rua, passando pelo desgaste dos governos petistas e o *impeachment* de Dilma (Miguel, 2019).

Ainda que se reconheça a tentativa de esforço em formatar as entrevistas no padrão de minutos, a opinião da organização jornalística não deixa de ser detectada no teor das perguntas, nas palavras e na entonação dada a cada entrevista. Os candidatos não são tratados de maneira igual nas sabatinas; ora prevalece um modelo de entrevista mais respeitoso e capaz de preservar o candidato sabatinado, ora prevalecem situações de intenso confronto. Um exemplo claro desse desenvolvimento ora mais tranquilo e ora mais problemático se dá quando analisamos as intervenções feitas pelos jornalistas no decorrer das sabatinas. Haddad é quem mais foi interrompido ao longo de sua fala, somando 83 intervenções. Marina ocupa a segunda posição de intervenções, com um total de 50. Alckmin, Bolsonaro e Ciro foram os que menos foram interrompidos com 39, 30 e 26 intervenções respectivamente. Vale lembrar que essa também foi uma das tônicas observadas nas sabatinas de anos anteriores (Albuquerque, 2011; Carvalho 2015).

O tom incisivo das questões, a constante postura de apontar contradições e o estabelecimento de uma dinâmica inquisidora foram características centrais das sabatinas de 2018 do *JN*. Em todas elas, os entrevistadores exploraram aspectos potencialmente problemáticos, embora não necessariamente no mesmo grau. Esta é uma questão que merece um olhar crítico. O *Jornal Nacional*, reivindicando a postura de confrontar o campo político em todas suas incoerências, ignora o aspecto propositivo e acaba corroborando o discurso de descrédito das instituições.

Essa estratégia permaneceu a mesma se consideramos as sabatinas de 2010 e 2014, em que os candidatos também desempenharam papel coadjuvante em relação aos entrevistadores, que buscaram se situar como representantes do interesse público. Os jornalistas ficaram responsáveis por pressionar e questionar os candidatos, com inúmeras interrupções, fazendo com que os entrevistadores se sobressaíssem mais que os

candidatos. Essa prevalência de temas ético-moral e político-partidário reforçou a intenção de deslegitimar a posição do candidato perante o veículo que o questiona e o julga (Carvalho, 2015).

Na sabatina de 2018, houve pouco espaço para a discussão propositiva, uma vez que as questões relacionadas aos planos de governo foram feitas não para saber a opinião dos candidatos sobre, mas em tom de questionar a viabilidade ou apontar contradições. A abordagem de temas propositivos ficou a cargo de cada candidato que, utilizando-se de técnicas de assessoria ou seu próprio traquejo político, desviavam da centralidade da pergunta – não sem serem interrompidos e inquiridos a responderem sobre a contradição apontada. Em vários momentos, os entrevistadores confrontam os candidatos afirmando que suas falas podem ser comprovadas e que não foram apresentadas aleatoriamente. Como foi a fala da Renata Vasconcelos, que em um dos embates travados com Bolsonaro, argumenta que, para se verificar os dados das desigualdades salariais entre os gêneros, bastava verificar os números apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desta forma, a versão dos candidatos é desqualificada por evidências empíricas apresentadas como absolutas.

Essas características corroboram com o que aponta Albuquerque (2008) sobre o modo como o sistema midiático do Brasil estrutura sua atuação no campo político: um poder moderador. Tal fato fica evidenciado em vários momentos das sabatinas, um deles se refere ao próprio tempo de fala dos jornalistas. Na sabatina de Haddad, a fala dos jornalistas ocupou 14'11'', maior tempo. A de Ciro foi a segunda com maior presença dos jornalistas, com o tempo total de fala de 12'24''. Alckmin teve em sua sabatina 12'22'' de fala dos jornalistas. Bolsonaro e Marina foram os candidatos em que se observou um número menor da presença dos jornalistas, mas não menos observável, 11'59'' e 10'34'', respectivamente.

Considerando que o tempo total das entrevistas variaram entre 27 a 30 minutos, o tempo observado de fala dos jornalistas recupera a discussão feita anteriormente, de que o *JN* exerce uma função politicamente ativa, sob o pretexto de atuar em nome do público. Ao usar quase a metade do tempo dos entrevistados, os jornalistas demonstram um grande esforço no sentido de controlar as entrevistas, reduzindo a autonomia dos candidatos para

exporem suas respostas e conduzindo os telespectadores a considerarem o assunto muito sob a ótica do jornalismo, que se coloca como representantes por excelência do interesse popular.

Outro exemplo desse papel ativo do jornalismo foi quando a Globo foi tratada pelos próprios candidatos como um ator político. Foi o caso de Bolsonaro, que citou o apoio de Roberto Marinho ao golpe militar de 1964 e a citação feita por Haddad sobre investigações feitas na justiça contra a emissora. As falas foram prontamente repelidas pelos jornalistas, mostrando preparo para a situação e estabelecendo um tom de debate e sustentando um discurso que pretende separar aquilo que é a atuação do veículo com a política – apresentada em sua face mais contraditória e bastante negativa.

Considerações Finais

O enfraquecimento das instituições políticas e do campo político favorecem a constituição de maior poder ao campo midiático, entendido aqui sob a lógica do Poder Moderador (Albuquerque, 2008). É o poder que se coloca acima dos demais, como aquele capaz de apontar caminhos, questionar as fragilidades e assumir, inclusive, a postura inquisidora.

Buscamos identificar esse padrão de narrativa jornalística nas sabatinas do *JN* nas eleições presidenciais de 2018. Além de apontar o modo aberto no trato dos candidatos e o tom de confronto, percebe-se que a sabatina erigiu, não só a narrativa de um jornalismo isento, mas ao mesmo tempo em busca de associar-se ao interesse público, como constituiu um cenário abertamente efetivo de desacreditar as instituições políticas em favor de um discurso jurídico-político que já vinha dominando o cenário brasileiro em anos anteriores, sobretudo com a Operação Lava-Jato.

A insistência na figura de Lula, reforçado como um líder preso e impedido de se candidatar pela condenação em segunda instância, ratifica a aderência do veículo ao papel jurídico oficial. Associa-o à corrupção, que deve ser combatida, e que aparece como grande tema das sabatinas, que pouco versaram sobre outros graves problemas do país,

como a desigualdade social e o desemprego. O Partido dos Trabalhadores, como um partido estruturado e que protagonizou os últimos anos da política nacional, torna-se um espectro presente em quase todas as entrevistas, seja na narrativa dos candidatos, como também no questionamento dos entrevistadores. Buscar associar algum candidato ao PT é questioná-lo sobre sua ligação à corrupção, convertida característica fundamental do partido e como chaga da política tradicional.

O Poder Moderador elege o tema central de sua preocupação e assume o papel de ator político das eleições. Embora não se mostre pretensamente favorável a este ou aquele candidato, mostra-se transversalmente contra o PT, deduzindo daí todo o descrédito do sistema político. Argumentamos que, em face de todo cenário amplo, Bolsonaro se aproveitou melhor desse discurso, ao se portar como um político antissistema.

A forma narrativo-discursiva das perguntas não se formulou em questionamentos abertos. Havia uma construção narrativa longa, baseada na articulação de notícias anteriores, com perguntas afirmativas ao final. O *Jornal Nacional* emitia uma visão própria de sua linha editorial e jogava para que o candidato a negasse ou afirmasse pura e simplesmente. Depois disso, vinham-se novos questionamentos interruptivos, corroborando a postura assumida de um campo em colisão e frente à política como inquisidora. Embora o campo midiático também esteja em descrédito, ele busca associar sua ação frente aos interesses da nação. O descrédito do campo político, entretanto, parece desacreditar outros campos e instituições. Dessa forma, a política na bancada encontra-se também inquirida por outras forças sociais, cada vez mais imbuídas em uma nova circularidade de informações. É o caso das redes e novas formas de comunicação. Questões que certamente podem ser debatidas em trabalhos futuros.

Referências

- ALBUQUERQUE, Afonso de. Another "Fourth Branch": press and political culture in Brazil. *Journalism*, v. 6, n. 4, p. 486-504, 2005.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. A mídia como "Poder Moderador": uma perspectiva comparada. *Anais do XVII Compós*, Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, 2008.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. As três faces do quarto poder. *Anais do XVIII Compós*, PUC-MG, Belo Horizonte, 2009.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. Em Nome do Público: Jornalismo e Política nas Entrevistas dos Presidenciais ao Jornal Nacional. *Anais do XX Compós*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. O Paralelismo político em questão. *Compolítica*, v.2, n.1, p. 5-28, 2012.
- ALMEIDA, Jorge. Cultura política e hegemonia. *Anais do IV Compolítica*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- ALVES DOS SANTOS, Marcelo. Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018. *Tese (Doutorado em Comunicação)* - Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2019.
- ARAÚJO, Flávia Monteiro, ALVES, Eliana Moreira; CRUZ, Monalise Pinto da. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. *Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia*, v.1, n.1, p. 22-30, 2009.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. Mídia e democracia no Brasil: relações entre sistema de mídia e o sistema político. *Opinião Pública*, v. 12, n. 1, p. 88-113, 2006.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014). *Opinião Pública*, v. 24, n. 2, p. 270-290, 2018.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERGER, Christa. Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais, as relações entre o Movimento Sem Terra e há Zero Hora. *Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)* – Escola de Comunicações e Artes, Universidade São Paulo, São Paulo, 1996.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2011.
- CARVALHO, Fernanda Cavassana. Mídia e Eleições: as entrevistas do Jornal Nacional aos candidatos à presidência do Brasil em 2014. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, v.7, n.21, p. 7-25, 2015.
- FERES JÚNIOR, João; SASSARA, Luna. O cão que nem sempre late: o Grupo Globo e a cobertura das eleições presidenciais de 2014 e 1998. *Compolítica*, v. 6, n. 1, p. 30-64, 2016.

FERNANDES, Carla Montuori; CHAGAS, Genira; OLIVEIRA, Luiz Ademir de. Novos passos do golpe: o enquadramento da Reforma da Previdência no Jornal Nacional. *Contracampo*, v. 37, n. 2, p. 59-86, 2018.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. *Comparing Media Systems: Three Models of Media and Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LIMA, Venício. A. de. *Mídia*. Crise política e poder no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

MIGUEL, Luís Felipe. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso brasileiro. *Rev. Sociol. Polit. [online]*, n. 20, p.115-134, 2003.

MIGUEL, Luís Felipe. *O colapso da Democracia no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

PINHEIRO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rota de fuga da crise atual*. São Paulo: Planeta, 2019.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2013.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.

Notas

Pesquisa financiada pela Capes.

O resultado parcial do artigo foi apresentado no VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

Os Autores

Carla Montuori Fernandes – É docente titular do programa de Pós-graduação em comunicação da Universidade Paulista. Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. E-mail: carla_montuori@ig.com.br

Luiz Ademir de Oliveira – É docente do programa de Pós-graduação em comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutor (2005) e Mestre (1999) em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ. E-mail: luizoli@ufsj.edu.br

Mayra Regina Coimbra - Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Comunicação na linha "Comunicação e Poder" da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista Capes. E-mail: mayrarcoimbra@gmail.com

Vinícius Borges Gomes - Doutorando em Comunicação pela Universidade Paulista. Mestre em Comunicação na linha "Comunicação e Poder" da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista Capes. E-mail: vini-bg@hotmail.com

Data de submissão: 31/07/2019

Data de aprovação: 06/05/2020